

Orquidário



Volume 24, n° 3
Julho a Setembro 2010

OrquidaRio Orquidófilos Associados

Revista Orquidário

ISSN - 0103-6750

Publicação da OrquidaRio - Orquidófilos Associados

Comissão Editorial

Editora:

Maria do Rosário de Almeida Braga

Conselho Editorial:

Maria Aparecida Loures

Carlos A.A. Gouveia

Carlos Eduardo M. de Carvalho

A Revista "Orquidário" é uma publicação trimestral da OrquidaRio Orquidófilos Associados. Artigos relacionados a qualquer aspecto da Orquidofilia são bem-vindos e deverão ser submetidos à Comissão Editorial para apreciação.

Todas as contribuições devem ser remetidas à OrquidaRio, digitalizadas em arquivos compatíveis com o sistema Windows. Os arquivos podem ser enviados pela internet ou por correio, gravados em CDS ou DVDs. As instruções para publicações estão disponíveis no site www.orquidario.org, sob o ítem "Revista". Pedimos que as normas de publicações sejam seguidas por todos, tanto em relação ao texto, quanto figuras e outros anexos.

Os artigos submetidos à "Orquidário" serão revisados pela Comissão Editorial, que poderá ou não aceitá-los. No caso de aceitação, a comissão poderá fazer sugestões, devolvendo os artigos aos autores, para que sejam feitas as modificações necessárias. Os artigos aceitos aguardarão oportunidades de publicação.

Quaisquer matérias, fotos ou outras ilustrações sem indicação de reserva de direito autoral, podem ser reproduzidas para fins não comerciais, desde que citada a fonte e identificados os autores.

O título "Orquidário" é de propriedade da OrquidaRio Orquidófilos Associados, conforme depósito e registro legal na Biblioteca Nacional.

Correspondência:

OrquidaRio Orquidófilos Associados

Rua Visconde de Inhaúma 134/428

20.091- 007, Rio de Janeiro, RJ

Telfax.: (21) 2233-2314

Email: orquidario@orquidario.org

Site: www.orquidario.org



Diretoria Executiva

Presidente

Ricardo de Figueiredo Filho

Diretores

Técnico - Sylvio Rodrigues Pereira

Administrativo e Financeiro - Eliomar da Silva Santos

Rel. Comunitárias - Lúcia de Mello Provenzano

Comissão de Conservação

M. do Rosário de Almeida Braga

Marcus Rezende

Edson Alves Cherm

Comissão Divulgação

Maria Aparecida Loures

Carlos Manuel de Carvalho

Comissão de Exposições

Alexandre Cruz de Mesquita

Conselho Deliberativo

Presidente

Paulo Damaso Peres

Vogais:

Carlos Manuel de Carvalho

Diávelo Lecy da Silva

Maria Lúcia de Alvarenga Peixoto

Sérgio Macedo

Presidentes Anteriores

Eduardo Kilpatrick - 1986-87

Álvaro Pessôa - 1987-90

Raimundo Mesquita - 1990-94

Hans Frank - 1994-96 e 2001-02

Carlos A. A. de Gouveia 1997-98

Paulo Damaso Peres - 1999-00

Marlene Paiva Valim - 2003-05

M. do Rosário de A. Braga - 2006-09

CONTRIBUIÇÃO DOS SÓCIOS

Preços/Rates	1ano/1year	2anos/2years	3anos/3years
Sócios Contribuintes	R\$ 108,00	R\$ 200,00	R\$ 300,00
Sócios Correspondentes	R\$ 56,00	R\$ 100,00	R\$ 144,00
Overseas Subscription Rates	US\$ 40,00	US\$ 70,00	US\$ 105,00
By Air Mail: plus US\$ 20,00/year			

Publicada em: 18/10/2010

ÍNDICE

Orquidário Volume 24, n^o 3

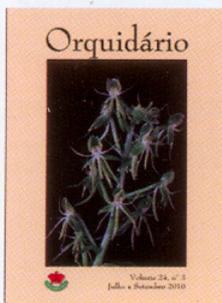
Editorial _____ 76

Desmistificando as Vandas, de Angelo Lo Re _____ 77

Diversidade de Orquídeas em Fragmento de Cerrado em Várzea Grande,
Mato Grosso, Brasil, de Aldarilda Petini-Benelli _____ 87

Cattleya schodereae Sander, de Carlos Keller _____ 95

Quando Setembro Chegou, de Carlos A. A. Gouveia _____ 101



Capa: *Habenaria fluminensis* Hoehne

Entre as quase 50 espécies descritas por Hoehne e hoje ainda consideradas como válidas, encontra-se a *Habenaria fluminensis* descrita a partir de uma planta encontrada no estado e, posteriormente, foi constatada a sua ocorrência também para os estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo.

Foto: Sergio Araujo (estudio@sergioaraujo.com)

Editorial

O terceiro fascículo anual da “Orquidário” coincide com o início da Primavera. O mês de setembro é sempre época de muitas exposições de orquídeas e este ano não foi diferente. Além de participarmos de exposições em outras cidades e estados, a OrquidaRio celebra a chegada da “estação de flores” organizando a já tradicional “Orquídeas na Primavera”.

Este ano, como vem acontecendo, a exposição estava belíssima e o público visitante de mais de doze mil pessoas encantou-se com o que viu. A parceria bem sucedida entre a OrquidaRio, o Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro e o joalheiro Antonio Bernardo, teve como principal resultado um evento bem organizado, com boa divulgação na mídia carioca e boas vendas para os orquidários comerciais.

Pelo terceiro ano consecutivo, recebemos juízes da American Orchid Society para julgarem as plantas expostas. Na saída comentaram como ficaram admirados com o alto nível das orquídeas expostas. Contaram que haviam participado recentemente de uma grande exposição nos EUA, onde estavam expostas mais de cinco mil plantas e sete foram premiadas. Na “Orquídeas na Primavera”, com cerca de quinhentas plantas expostas, o número de plantas premiadas foi o mesmo. Espero que o artigo que publicamos sobre as exposições de setembro de uma idéia da boa qualidade do que foi exposto. E, além das lindas orquídeas, a programação de palestras, ministradas por orquidófilos convidados, foi também excelente.

No meio de tanta coisa positiva, um aspecto importantíssimo para a nossa associação ainda esta deixando a desejar. Onde estão os nossos associados? Por que são tão poucos os que participam? Por que o pouco interesse por um evento tão bonito? Toda a exposição organizada por uma associação deve ser um gostoso momento de confraternização e trabalho conjunto. Os sócios devem renovar seu interesse por nossas exposições. Vamos todos ganhar com isto.

Maria do Rosário de Almeida Braga.
Editora

Desmistificando as Vandas

Angelo Lo Ré
angelolore@gmail.com

Resumo: São tratados vários aspectos referentes ao gênero *Vanda* e vários outros gêneros pertencente a tribo *Vandaea*. Discute-se a distribuição geográfica da tribo, a diversidade morfológica, normas para julgamento e condições de cultivo.

Palavras-Chave: *Vanda*, *Vandaea*, cultivo, julgamento.

Abstract: *Demystifying Vanda.* Many aspects related to the genus *Vanda*, and various other genera belonging to the tribe *Vandaea* are discussed. The geographical distribution of the tribe, morphological diversity, judging aspects and ideal growth conditions are mentioned in detail.

Key-words: *Vanda*, *Vandaea*, growth conditions, judging

O gênero *Vanda* pertence a tribo *Vandaea* (que, em português, chamamos de Vandáceas), da qual derivam os subtribos *Angraecinae*, *Aerangidinae* e *Aeridinae*.

A ocorrência mundial da Tribo *Vandaea* (ou Vandáceas) vai desde o continente africano, na ilha de Madagascar e suas adjacências como as ilhas de Comoros, Mutsamudu e Mayote até o Japão. Em sua distribuição, a Tribo *Vandaea* passa por dois Oceanos (Índico e Pacífico), começando a leste da África, caminhando para Índia, Nepal, Butão, Mianmar, Tailândia, Malásia, Filipinas, China, Japão e Oceania (Austrália, Indonésia e Nova Guiné). São plantas de crescimento monopodial, e em sua maioria, epífitas, sendo encontradas na natureza em troncos de árvores ou galhos, desde as terras equatoriais da Birmânia até o frio ambiente do Nepal, nas geladas ladeiras do Himalaya.



Folha em cinta

A considerar o tipo de folha as Vandáceas também podem ser divididas (quanto ao cultivo) da seguinte maneira:

- **Folha em cinta:** Suas folhas são mais largas, extensas, achatadas e com textura coriácea. Devido ao tipo de superfície não suportam a exposição direta a sol pleno. Exemplo desse grupo pode ser a *Vanda sanderiana*, *Vanda merrillii* e *Vanda coerulea*. O gênero *Ascocentrum* também é um exemplo desse tipo de folha.
- **Terete ou Cilíndrica:** Apresentam folhas cilíndricas, grossas que podem armazenar grande quantidade de água. Como exemplos temos o gênero *Papilionanthe* e a espécie *Angraecum scotinianum*.
- **Semi-Terete:** São alguns gêneros e outros tantos híbridos resultantes do cruzamento das duas anteriores; suas folhas são parcialmente cilíndricas e largas, também são adaptadas ao sol pleno. Como exemplo temos a espécie *Angraecum compactum*.



Terete ou Cilíndrica



Semi-Terete

Diante de tanta diversidade de formas e de climas, inicialmente somos levados a pensar que seu cultivo é praticamente impossível, considerando que as Vandáceas somam um dos maiores grupos de gêneros dentre a família Orchidaceae.

Dentro dos gêneros que nós brasileiros mais encontramos para comprar nos orquidários e vemos em exposições estão: *Aeranthes*, *Aerides*, *Angraecum*, *Arachnis*, *Ascocentrum*, *Euanthe*, *Papilionathe*, *Renanthera*, *Rhynchostylis* e principalmente a *Vanda*. Não poderíamos deixar de fora o híbrido mais popular a *Ascocenda* (*Ascocentrum* x *Vanda*). Com relação aos híbridos, as Vandáceas formam um grupo de excelentes oportunidades tanto para produtores, como para nós colecionadores, que somos agraciados com flores espetaculares em cor e plantas que chegam a florir mais de duas vezes ao ano.

Os gêneros híbridos mais importantes das Vandáceas são:

- *Aeridovanda* : (*Aerides* x *Vanda*)
- *Aeridovanisia* : (*Aerides* x *Luisia* x *Vanda*)
- *Alphonsoara* : (*Arachnis* x *Ascocentrum* x *Vanda* x *Vandopsis*)
- *Andrewara* : (*Arachnis* x *Renanthera* x *Trichoglottis* x *Vanda*)
- *Aranda* : (*Arachnis* x *Vanda*)
- *Ascocenda* : (*Ascocentrum* x *Vanda*)
- *Ascovandoritis* : (*Ascocentrum* x *Doritis* x *Vanda*)
- *Bokchoonara* : *Bkch* (*Arachnis* x *Ascocentrum* x *Phalaenopsis* x *Vanda*)
- *Bovornara* : (*Arachnis* x *Ascocentrum* x *Rhynchostylis* x *Vanda*)
- *Burkillara* : (*Aerides* x *Arachnis* x *Vanda*)
- *Charlieara* : (*Rhynchostylis* x *Vanda* x *Vandopsis*)
- *Christieara* : (*Aerides* x *Ascocentrum* x *Vanda*)
- *Darwinara* : (*Ascocentrum* x *Neofinetia* x *Rhynchostylis* x *Vanda*)
- *Debruyneara* : (*Ascocentrum* x *Luisia* x *Vanda*)
- *Devereuxara* : *Dvra* (*Ascocentrum* x *Phalaenopsis* x *Vanda*)
- *Hagerara* : *Hgra* (*Doritis* x *Phalaenopsis* x *Vanda*)
- *Himoriara* : *Hmra* (*Ascocentrum* x *Phalaenopsis* x *Rhynchostylis* x *Vanda*)
- *Isaoara* : *Isr* (*Aerides* x *Ascocentrum* x *Phalaenopsis* x *Vanda*)
- *Macekara* : *Maka* (*Arachnis* x *Phalaenopsis* x *Renanthera* x *Vanda* x *Vandopsis*)
- *Moirara* : *Moir* (*Phalaenopsis* x *Renanthera* x *Vanda*)
- *Nakagawaara* : *Nkgwa* (*Aerides* x *Doritis* x *Phalaenopsis*)
- *Paulara* : *Plra* (*Ascocentrum* x *Doritis* x *Phalaenopsis* x *Renanthera* x *Vanda*)
- *Phalaerianda* : *Phda* (*Aerides* x *Phalaenopsis* x *Vanda*)
- *Stamariaara* : *Stmra* (*Ascocentrum* x *Phalaenopsis* x *Renanthera* x *Vanda*)
- *Sutingara* : *Sut* (*Arachnis* x *Ascocentrum* x *Phalaenopsis* x *Vanda* x *Vandopsis*)
- *Trevorara* : *Trev* (*Arachnis* x *Phalaenopsis* x *Vanda*)
- *Vandaenopsis* : *Vdnps* (*Phalaenopsis* x *Vanda*)
- *Vandewegheara* : *Vwga* (*Ascocentrum* x *Doritis* x *Phalaenopsis* x *Vanda*)
- *Yapara* : *Yap* (*Phalaenopsis* x *Rhynchostylis* x *Vanda*)

O gênero *Vanda*:

Este gênero da subfamília *Epidendroideae*, tribo *Vandaea*, subtribo *Aeridinae*, foi criado por Sir W. Jones em 1795 e possui cerca de setenta espécies. Todas sem exceção são monopodiais, algumas de hábitos epífitas, outras litófilas ou terrestres.



Fig. 1 – *Ascocenda* Princess Mikasa. (Foto: A. Lo Rê).

Epidendrum tessellatum Roxb. 1795; *Epidendrum tesselloides* Steud. 1840; *Vanda roxburghii* R. Br. 1820; *Vanda tesselloides* Rchb. f. 1864.

A espécie tipo do gênero é a *Vanda roxburghii* R. Br. e hoje denominada *Vanda tessellata* (Roxb.) Hook. 1850. Esta espécie é encontrada na China, nas encostas do Himalaya, Índia, Bangladesh, Nepal, Sri Lanka e Oeste de Myanmar. Ocorre em altitudes de cerca de 1500 metros. Os seus sinônimos são: *Aerides tessellatum* Wight 1824; *Cymbidium allagnata* Buch.-Ham. Wall ex. 1832; *Cymbidium tessellatum* SW. 1799; *Cymbidium tesselloides* Roxb. 1832;

Os seis agrupamentos de *Vanda*:

Segundo Motes (2004) o gênero pode ser subdividido em seis grupos, por uma questão apenas de didática.

GRUPO	ESPÉCIES
Euanthe.	<i>Euanthe sandariana.</i>
Cristata ou Trudelia .	<i>Vanda cristata, V. alpina, V. pumila, V. griffithii e Trudelia chlorosantha.</i>
Coerulea.	<i>Vanda coerulea.</i>
Testacea.	<i>Vanda testacea, V. coerulescens e V. lilacina.</i>
Spathulata ou Taprobanea	<i>Vanda spathulata.</i>
Tessellata	Composto por 30 espécies mais estreitamente relacionadas com a espécie tipo.

As lista completa das espécies atualmente aceitas de *Vanda* pode ser encontrada na última revisão da Internet Orchid Species Photo Encyclopedia.

Morfologia das flores de *Vanda*:

Na maioria das Vandáceas a flor se apresenta com duas pétalas, três sépalas, um diminuto labelo (perto é claro da maioria das simpodiais, principalmente as nacionais), coluna e massa polínica exposta e, em algumas delas uma estrutura da qual não estamos acostumados a ver: o esporão, nectário ou simplesmente reservatório de néctar.

Julgamento:

Com finalidade de julgamento, as flores devem ser planas, espalmadas e possivelmente nas Vandas e Ascocendas, tão fechadas que nada se pode ver ao fundo. Entre as pétalas e sépalas a angulação dever ser perfeita, nos cento e vinte graus, formando um triângulo equilátero. Para isso as sépalas devem ser largas e redondas e as pétalas devem estar sobre as sépalas de forma a transpassar, fechando assim totalmente a flor. O labelo deve estar em harmonia, ficando preferencialmente ao centro da flor. O esporão ou reservatório de néctar, se presente, deve ser harmonioso e compatível com as espécies envolvidas. As cores devem ser marcantes, claras, não podendo ser opacas e desbotadas. Veias, estrias ou pintas devem ser facilmente visíveis. Quanto ao tamanho e substancia da flor, se híbrido deve ser maior e melhor que a média dos progenitores.

Distribuição e Cultivo de *Vanda*:

Para começar precisamos entender um pouco da Tailândia, pois consideraremos um dos países que mais cultiva e exporta *Vanda* e *Ascocenda*.

A Tailândia pode ser separada em quatro regiões geográficas. No norte são as escadas de montanhas e os vales profundos onde está a fonte do principal rio da Tailândia, o Chao Phraya. As montanhas são cobertas com as florestas tropicais. Na Tailândia central



Fig. 2 – *Asctm. curvifolium*. (Foto: A. Lo Rê)

predomina a planície do Chao Phraya. Esta é a região a mais densamente povoada, na maioria com exploração agrícola. No leste é o platô de Khorat, uma planície elevada, rochosa, onde se criam o gado, os porcos e os búfalos. A quarta região da Tailândia se encontra na península de Malay, que é montanhosa e contém extração mineral. O clima da Tailândia é tropical e a maior parte é governada pelas monções, um vento que vem do sudoeste de maio a novembro, trazendo um clima mais morno, juntamente com a estação das chuvas. No nordeste, de novembro a março, ocorre uma estação seca e mais fresca. Os meses de abril e maio, entre as estações da monção, estão os dias mais quentes do ano. Dessa forma praticamente se caracteriza por um clima de duas faces opostas: uma fresca e seca quando sopra a monção terrestre e outra quente e chuvosa sujeita à monção marítima. Portanto de forma geral, na Tailândia, o clima é

quente e úmido - à exceção das montanhas no norte, onde a temperatura pode cair para menos de 13°C em Chiang Mai e ainda mais em Mae Hong Sorn. A temperatura sobe e a umidade também de março a maio, a estação chuvosa de junho a outubro, e a estação fresca de novembro a fevereiro.

O contorno do país já foi comparado com a cabeça de um elefante, possuindo sua tromba abaixada em direção à Malásia. Possui 1860 km de extensão, com variações grandes de temperatura e umidade. Isto propicia um clima complexo, que embora esteja

no caminho das monções, esta de certa forma protegido pelas montanhas que correm de norte a sul do país.

Quanto ao Brasil, poderíamos comparar com a região amazônica, principalmente no alto Rio Negro, onde encontremos temperaturas mais baixas nas altitudes de Rorâima.

- Temperatura:

Para se cultivar de forma eficiente as Vandas e seus correlatos, deveremos de forma global imitar o máximo possível o clima da Tailândia.

O ideal é que o cultivo seja feito em ambientes com temperatura perto de 30°C, ou pelo menos perto disso a maior parte do ano. Isto nem sempre é facilmente conseguido, pois no Brasil temos climas muito mais variados que a própria Tailândia. Neste ponto gostaríamos de lembrar que um dos maiores Vandários do país encontra-se no estado de Santa Catarina, mais precisamente na Praia Mole, em Florianópolis. A média dos registros nessa região segundo o Weather Channel é de 22°C nos meses mais quentes.



Fig. 4 - *Ascda*. Peggy Foo x *Asctm. curvifolium*. (Foto: A. Lo Rê)

forte cheiro e contaminando outras orquídeas.

Temperaturas mais baixas podem até mesmo comprometer a própria planta. Mais perigoso é tentar fechar o orquidário nos tempos frios, pois as Vandas necessitam muito de ventilação.

A imaginação deve sempre funcionar para um bom orquidófilo. Nas pesquisas que fiz sobre Vandas, cheguei a ler que nos dias frios deveríamos levar as Vandas para o banheiro, posto que no pós banho o ambiente estaria ideal: vapor e calor!

- Umidade:

A umidade ideal para *Vanda* e seus correlatos é a mesma que para a Tailândia e seus países vizinhos, ou seja, muito próximo aos 80 %. Nunca permita umidade abaixo



Fig. 3 - *Asctm. miniatum*. (Foto: A. Lo Rê)



Fig. 5 - *Rynchostilis gigantea* 'Red'. (Foto: A. Lo Rê)
dentre outras.

Para quem não tem esse tipo de ambiente, ou cultiva em corredores laterais de casa, uma solução é molhar o chão simplesmente, pelo menos uma vez ao dia, independentemente da rega diária. Quem tem piscina, uma maravilhosa alternativa é dependurar as Vandas sobre árvores que as rodeiam. Há relatos de casos onde com essa simples observação e manejo, conseguem-se duas ou mais florações ao ano.

- Rega:

Segundo Oliveira & Sajo (2001) em 'Morfo-Anatomia Caulinar de nove Espécies de Orchidaceae', baseados em Withner *et al.* (1974) e Betchel *et al.* (1981), a ramificação monopodial se caracteriza pela presença de um único eixo caulinar, que produz folhas e cresce de forma indefinida. Nas orquídeas monopodiais, as inflorescências são geralmente axilares e as raízes são produzidas em todos os nós caulinares (Withner *et al.* 1974; Betchel *et al.* 1981).



Fig 6 - *Vanda rothschildiana* 'Suzuki' x
(*V. Sunray Blue* x *V. Miss Thailand*). (Foto: A. Lo Rê)



Fig. 7 - *Vanda Dona Creusa*. (Foto: Angelo Lo Rê).

de 30%, que pode danificar as plantas.

Para garantir essa quantidade de umidade, várias técnicas são necessárias. Em meu orquidário, as plantas ficam em varais, dependuradas. Com isto posso manter abaixo delas uma imitação de brejo, feito a partir de pequenas e rasas piscinas, com 15 cm de profundidade, preenchidas com areia, argila expandida e plantas de água, como jibóia, lírio da paz, cavalinha

As monopodiais, no caso da Tribo *Vandaea*, são plantas que não possuem pseudobulbos ou rizomas. Por esse motivo não possuem grandes estoques de alimento, água e energia como no caso das simpodiais.

Outra característica importante das monopodiais é, devido justamente ao fato de precisarem extrair ao máximo a umidade do ambiente, possuírem raízes fortes, muito grossas e longas.



Fig. 8 – *Vanda Robert's Delight 'Red Black'*. (Foto: A. Lo Rê)

As raízes das *Vandaceae* merecem um estudo a parte, pois sendo as Vandas plantas monopodiais (sem reserva de água em pseudobulbos), necessitam de água em abundância, fato este que deixaria qualquer outra orquídea com risco de infecção por fungos.

No geral as raízes das orquídeas são formadas por uma epiderme externa com múltiplas camadas celulares, muito rígidas, uma camada grossa logo abaixo formada pela exoderme. O centro da raiz é chamado de córtex, formado por camada de células parenquimatosas, em numero aproximadamente de quinze, duras e de aspecto lenhificado. Ao centro do córtex é onde ocorrem os processos vitais como absorção e preparo de substâncias nutritivas á planta. A camada externa é denominada de velame e nas *Vandaceae* trata-se de uma camada esponjosa, que ocupa quase a maioria da espessura da raiz. Esse tipo de velame absorve rapidamente grandes quantidades de água, mudando de cor. Essa mudança de cor é fundamental para quem cuida de Vandáceas, pois a alteração do padrão prateado para esverdeado, sugere que a raiz absorveu tudo o que precisa.

Como regra, podemos recomendar molhar as plantas cultivadas sem substrato diariamente. Em dias muito quentes, 2 ou três regas podem ser benéficas.

- Luz:

A iluminação das Vandáceas se faz de acordo com o tipo de folha.

As folhas teretes são cilíndricas e possuem grande poder de armazenamento de



Fig. 9 – *Vanda tricolor*. (Foto: A. Lo Rê)

água. Por isso devem ser expostas ao sol, com cobertura de cerca de 50%. Vandas cultivadas sob sombrite de 70% não florescem. E as espécies de folhas cilíndricas toleram menos de 20% de sombra.

As semi teretes, que são parcialmente cilíndricas e portanto armazenam menos quantidade de água, devem suportar cerca de 50% de sol.

As plantas com folhas em fita requerem um sombreamento de até 70 %.

- Plantio:

Vandáceas querem ter raízes livres, soltas e sem nenhum substrato. Aliás, suas raízes crescem tanto através dos nós caulinares,



Fig. 10 – *Aerides odorata*. (Foto: A. Lo Rê)

as Vandáceas, e elas, por serem monopodiais, um fato corrente entre todos que cultivam as Vandáceas: não se deve fornecer muito Nitrogênio, pois isso aumenta o processo vegetativo e retarda sobremaneira a inflorescência.

Dentre os esquemas propostos, encontramos de todos os tipos:

Esquema semanal:

Um dos esquemas propostos é o de utilizar três gramas de fertilizante 20-20-20- para cada litro d'água. Utiliza-se dessa forma a cada semana por três semanas, sendo que na quarta semana usam-se três gramas de 10-30-20- para cada litro de água. Na semana seguinte repete-se todo o ciclo.

Esquema diário:

Este sacrificante esquema, praticamente aterroriza quem quer iniciar no cultivo de Vandas, porém vou citá-lo. Neste esquema é solicitado que se dilua uma colher das de chá de 20-20-20 em um galão de água e pulverize

que mesmo que se plantasse uma Vanda num vaso, suas raízes sairiam do caule e logo todas estariam fora do vaso. Portanto não se coloca nenhum substrato nas Vandáceas. Normalmente o plantio se dá através da colocação e fixação da planta num pequeno cachepot de madeira ou plástico. O plantio pode se tornar tão simplificado que algumas pessoas simplesmente amarram o caule da planta num arame grosso e reto, suspenso em um varal.

Enfim, devem-se deixar as raízes soltas, tomando apenas o cuidado de manter suspensa, pois se rasparem no solo pode machucar a ponta da raiz ou a capa da raiz que é composta de células parenquimatosas, seguida do meristema apical, que é uma área de divisão celular ativa.

- Fertilização:

Existem inúmeras maneiras de se adubar, necessitam de muitos nutrientes. Porém há



Fig. 11 – *Doritis pulcherrima*. (Foto: Angelo Lo Rê)



Fig. 12 – *Ascda*. Peggy Foo. (Foto: Angelo Lo Rê)

às segundas-feiras, terças-feiras, sextas-feiras e sábados. Na quinta-feira seria pulverizado com lavado de algas marinhas (alga de fazer sushi, fervida na água) e no domingo uma colher das de chá em um galão de 10-30-20. Algumas pessoas simplesmente diluem o adubo a 1/10 do usado na rega semanal e pulverizam diariamente, com ótimos resultados.

Uso de açúcar:

Normalmente utilizo de uma colher de chá por litro de água e pulverizo semanalmente. Nesse momento aproveito para juntar 1 ml de vitamina B12 por litro. Eu experimentei esta dica encontrada nos sites tailandeses e recomendo a todos que o faça. Nunca vi uma formiga ou fungo sequer com este procedimento. Observo que o crescimento é muito mais rápido e as folhas ficam mais túrgidas.

- Divisão e multiplicação:

As Vandas, por serem monopodiais, se multiplicam por meio de sementes e também por meio de brotação em gemas caulinares. A esta brotação especial, chamamos de *keikes*, que podem ser aproveitados para um replantio, quando estes estiverem com raízes próprias e vigorosas. Neste estágio podem ser separado da ‘mãe’ e plantado como indicado para as Vandáceas.

- Pragas e doenças:

Geralmente espécies de *Vanda* e seus híbridos são muito resistentes à infestações de pragas e à doenças. Em geral, se bem cuidadas e com ambiente propício as Vandas não requerem defensivos agrícolas.

O maior cuidado é com fungos, principalmente quando as plantas são levadas para dentro de casa, nas salas onde a ventilação é reduzida quando comparado ao orquidário. Folhas pretas, principalmente as do ápice da planta, podem significar a presença de *Fusarium*, que necessita de fungicida também sistêmico para seu tratamento. Dificilmente são atacadas por cochonilhas porém, não raramente, sofrem com infestação de ácaros. Os ácaros mancham as folhas, danificando-as e tingindo-as de marrom ou prateado. O uso de acaricidas sistêmicos é recomendado quando aparecem tais manchas.

Referências:

Bernardinelle, E. L. 2009. Fórum de debates, Ponto de Encontro de Orquidófilos, Página “A Orquídea de Mário G. Leal”. <<http://www.aorquidea.com.br/forum/viewtopic.php?t=4884>>.

Betchel *et al.* 1981. The European Garden Flora: manual for the identification. M.S. Walters (ed.). vol. 2, 33: 250.

Campos, F. A. B. 2008. Considerações sobre a Família Orquidacea: taxonomia, antropismo, valor econômico e tecnologia. Dissertação de Mestrado em Morfologia Vegetal, Campinas, UNIMCAP, Inst. de Biociências. <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/63/383-392.pdf>.

Henriquez, F. 2006. El cultivo de Vandáceas. Orquidário Oro Verde. <<http://www.microplanta.com/articulos/2006/03/26/44/>>

Howarth, D. 2001. The Biology of Mycorrhizas. Traduzido por CRUZ, Ricardo. The University of Manchester - http://www.teachingbiomed.man.ac.uk/student_projects/2001/mnby8dlh/frames.htm <<http://www.damianus.bmd.br/Raises%20e%20Micorriza.htm>>

Junior, A. R. 2006. Cultivo de Vandas e Ascocendas. Fórum de debates, site Mombu, 28.Jun.2006 <<http://www.mombu.com/orquideas/orquideas-general/t-cultivo-de-vanda-e-ascocenda-99772.html>>

Motes, M. R. 2004. Vandas: Their Botany, History, and Culture Portland, Oregon. Timber Press.

Oliveira, V. C. & Sajo, M. G. 2001. Morfo-anatomia Caulinar de Nove Espécies de Orchidaceae. Acta Bot. Bras., 15 (2). Revista Ciello, São Paulo, <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-33062001000200004>.

Poubel, F. 200-.. Julgamento de Vandas. <<http://br.geocities.com/friorquideas/julgamento.htm>>

WIKPÉDIA, enciclopédia livre. Vandas, híbridos intergenéticos. <<http://es.wikipedia.org/wiki/Vanda>>

Withner, C.L. 1974. The Orchids Scientific Studies. Krieger Pub. Co.



Futuro Fertil

Distribuidora dos Fertilizantes

Plant-Prod

- SEMENTES
- FERTILIZANTES
- HERBICIDAS
- INSETICIDAS
- TUBOS • ARAMES

**Linha orgânica,
Linha de irrigação,
Substratos etc...**

**ST Irajá Agrícola Ltda. CNPJ 03.656.245/0001-60 I.E 77.046.984
Av. Brasil, 19.001 • Loja 2 e 4 • Pav. Manutenção • CEASA • Irajá
21530-000 Rio de Janeiro RJ • Tels. (21) 2471-2568 / 2471-2569
fernando.rezende@futurofertil.com.br**

Diversidade de Orquídeas em Fragmento de Cerrado em Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil

Adarilda Petini-Benelli
ada.benelli@gmail.com

Resumo: A família Orchidaceae é a maior família botânica conhecida, com cerca de 25.000 espécies. Este trabalho, além de registrar a ocorrência de orquídeas em área urbana, buscou avaliar o impacto causado pelo avanço da ocupação da terra pelo homem. O levantamento das orquídeas no Loteamento Santa Cecília, Várzea Grande, MT, área remanescente de Cerrado ilhada por 4 bairros, foi realizado no período de setembro de 1996 a março de 2004. Através de busca ativa com o esforço de duas pessoas por 8 h/dia, durante dois dias consecutivos por mês, foram registradas 27 espécies e duas variedades, representando 19 gêneros.

Palavras-chave: Cerrado, Florística, Orchidaceae, Fragmentos Urbanos.

Abstract: “*Diversity of Orchids from a Cerrado fragment in Várzea Grande, Mato Grosso State, Brazil*”. The Orchidaceae family is the largest known botanical family, with about 25.000 species. This work, besides registering the occurrence of orchids in urban area, evaluated the impact caused for the advance of urban occupation of the land. The study of the orchids in the Loteamento Santa Cecília, Várzea Grande, MT, an area of remaining “Cerrado” ecosystem, surrounded by 4 suburbs, was carried out from September 1996 to March 2004. The search effort was 8 hours/day with two people, during two consecutive days per month. We registered 27 species and two varieties, representing 19 genera.

Key-words: “Cerrado” (open woodland), Floristic, Orchidaceae, Urban fragments.

Introdução:

O Cerrado é o ecossistema que cobre a maior parte do estado de Mato Grosso e situa-se na Província do Cerrado, conforme sistematização apresentada por Cabrera & Willink (1980) e por Morrone (2001). Essa Província biogeográfica ocupa cerca de 25% (aproximadamente 2.000.000 km²), do território brasileiro, nos estados de Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, São Paulo, Paraná, Maranhão e Piauí (Cabrera & Willink, 1980).

O Cerrado possui grande número de espécies de orquídeas segundo pesquisas realizadas por diversos autores (Hoehne & Kuhlmann, 1951; Pabst, 1973; Lima, 1989; Amaral, 1998; Mendonça *et al.* 1998; Menezes, 2000 e 2004; Macedo *et al.* 2002; Batista & Bianchetti, 2003; Araújo, 2005; Petini-Benelli, 2006), os quais consideram a família Orchidaceae uma das mais representadas na flora do Cerrado, ocorrendo nas mais diversas fitofisionomias desse ecossistema.

Por se tratar de plantas com flores muito visadas por colecionadores e coletores ilegais, as orquídeas encontram-se ameaçadas. O valor ecológico das espécies nativas com grande importância botânica e poucas vezes de apelo econômico, não é considerado na visão comercial (Primack & Rodrigues, 2001), principalmente quando ocorrem em fragmentos em áreas urbanas. Além do aspecto botânico, ainda há que se considerar a



Fig.1 - Loteamento Santa Cecília ao centro (área verde) cercado por áreas residenciais, no município de Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil. Fonte: Google Earth, 2010. Inav/Geossistemas SRL.

Diversos componentes da história de vida das orquídeas sugerem que essas populações em fragmentos florestais estão submetidas a fortes pressões que as colocam em sério risco de extinção local (Murren, 2002).

O presente trabalho relata o levantamento da flora orquídea em um fragmento de Cerrado, ilhado por quatro bairros no município de Várzea Grande, estado de Mato Grosso, abordando a influência da fragmentação sob as populações locais.

Material e Métodos:

Área de estudo:

O Loteamento Santa Cecília, situado no município de Várzea Grande – MT, foi

implantado em área de Cerrado, com cerca de 60.000 m², tendo à sua volta, os bairros São Gonçalo, Jardim Primavera, Costa Verde e Santa Maria. É cortado ao meio pelo córrego Traíras, um dos tributários do rio Cuiabá. Essa área já apresenta traços da ação humana, tais como o despejamento de esgoto no córrego e lançamento de lixo às margens das limitações dos bairros adjacentes.

A vegetação é típica de cerrado com árvores de porte médio (máximo de 8 m de

relação intensa que ocorre entre as espécies de orquídeas e extensa gama de animais, tais como os insetos (Edwards & Wratten, 1981). Algumas espécies contam com um único ou poucos polinizadores para frutificar, sendo vítimas da fragmentação que limita a ação desses polinizadores, afetando assim, drasticamente, o ciclo reprodutivo das orquídeas na área sob impactos da fragmentação (Murren, 2002).

Os fragmentos florestais urbanos apresentam, via de regra, grande número de árvores mortas, alastramento de lianas e aumento nos índices de raridade das espécies remanescentes (Almeida, 1998).



Fig.2 - *Ionopsis utricularioides* (Sw.) Lindley. Foto:(A. Petini-Benelli.)



Fig. 3 - *Notylia lyrata* S. Moore no habitat. (Foto: A. Petini-Benelli.)

e diversas arbustivas (*Byrsonima* sp. - Malpighiaceae, *Croton* sp. - Euphorbiaceae, *Alibertia* sp. - Rubiaceae) e gramíneas (*Paspalum* sp. - Poaceae, *Syngonanthus* sp. - Eriocaulaceae) típicas do Cerrado mato-grossense.

O clima no município de Várzea Grande é característico da Baixada Cuiabana, com temperaturas mínimas em torno de 18° C e máximas de 38° C, em média. Mas, na área de estudo observou-se redução de até 4° C em determinados períodos e pontos da área. Essa variação foi registrada com termômetro digital.

Levantamento florístico:

Para acompanhar o ciclo de desenvolvimento anual das espécies observadas, este levantamento foi realizado durante o período de setembro de 1996 a março de 2004, com visitas mensais, quando a área era percorrida em toda a sua extensão.

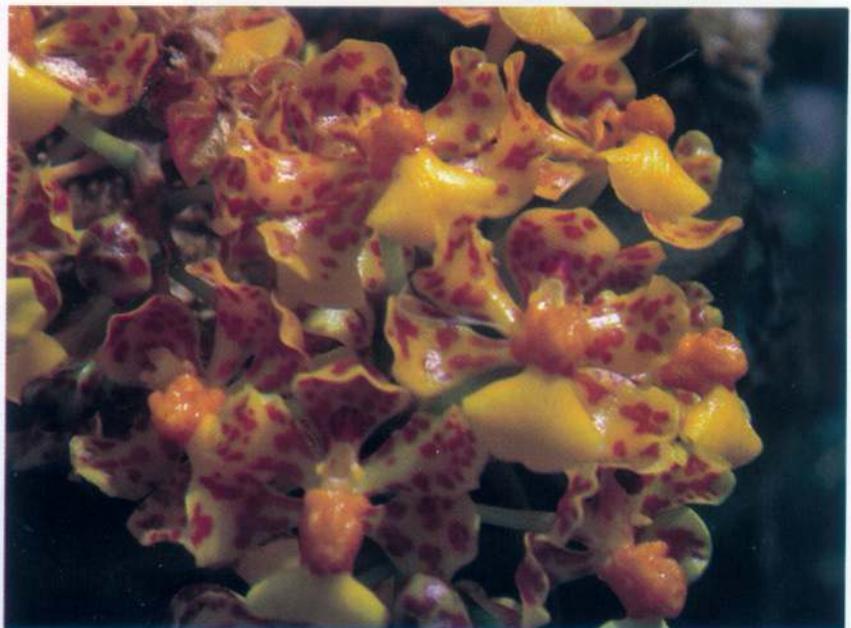


Fig. 4 - *Oncidium nanum* Lindley. (Foto: A. Petini-Benelli.)

Durante dois dias consecutivos por mês, as atividades de varredura foram realizadas por busca ativa totalizando 8 horas/esforço por duas pessoas/dia.

As espécies encontradas foram fotografadas e tiveram anotadas sua morfologia, aspectos florísticos e ecológicos, seguindo protocolo previamente elaborado. Posteriormente, foram identificadas com o auxílio de bibliografia especializada, consultas a especialistas e comparação com exsicatas da coleção do Herbário UFMT. Plantas com flores e/ou frutos foram herborizadas e depositadas junto ao Herbário UFMT.

Resultados e Discussão:

Durante o levantamento realizado, foram encontradas 27 espécies e duas variedades de orquídeas, distribuídas em 19 gêneros (Tabela 1).



Fig. 5 - *Ornithocephallus gladiatus* Hooker.
(Foto: A. Petini-Benelli.)

O gênero com maior riqueza florística foi *Cyrtopodium* (6 spp.), seguido de *Habenaria* (3 spp.) e *Campylocentrum* e *Oncidium* (2 spp. cada) além de *Macradenia* da qual foi encontrada uma variedade além da espécie tipo (Tabela 1). Em cada ano de visita foram registradas em média 13 espécies (DP=2,3) na área estudada.

As espécies *Cyrtopodium fowleyi* L. C. Menezes, *Cyrtopodium saintlegerianum* Rchb.f., *Eulophia alta* (L.) Fawcett & Rendle, *Galeandra stylomisantha* (Vell.) Hoehne, *Habenaria aricaensis* Hoehne, *Habenaria glazioviana* (Cogn.) Kraenzl., *Notylia lyrata* S. Moore e *Oncidium nanum* Lindl., tiveram seu habitat reduzido a pequenas manchas e correm sério risco de desaparecer na área, com a construção de um condomínio fechado e o conseqüente desaparecimento de grande trecho de

vegetação. Também as seis espécies com maior frequência (*Campylocentrum robustum* Cogn., *Encyclia flava* (Lindl.) Porto & Brade, *Eulophia alta* (L.) Fawcett & Rendle, *Oeceoclades maculata* (Lindl.) Lindl., *Oncidium cebolleta* (Jacq.) Sw., e *Vanilla pompona* Schiede, sofreram grande redução de indivíduos, causada pela destruição dos habitats, sendo encontradas apenas ocasionalmente.

Desde fins de 2002 e início de 2003, quando começaram as obras de construção do condomínio, não foi possível reencontrar a grande maioria das espécies que habitavam nos locais que sofreram terraplanagem: *Bletia catenulata* Ruiz & Pavón, *Campylocentrum tenue* (Lindl.) Rolfe, *Cyrtopodium blanchetii* Rchb.f., *Cyrtopodium brandonianum* Barb. Rodr., *Cyrtopodium poecilum* Rchb.f. & Warm., *Cyrtopodium verum* var. *fulvum* (Rchb.f. & Warm) L. C. Menezes, *Epistephium sclerophyllum* Lindl., *Habenaria* sp., *Ionopsis utricularioides* (Sw.) Lindley, *Macradenia multiflora* (Kraenzl.) Cogn., *Macradenia multiflora* (Kraenzl.) Cogn. var. *alba*, *Ornithocephallus gladiatus* Hooker, *Rodriguezia lanceolata* Ruiz & Pavón, *Sacoila lanceolata* (Aubl.) Garay, *Sarcoglottis* sp. e *Trigonidium tenue* (Lindl.) Lodd.

No início das atividades, foram observadas com grande frequência plantas apresentando cápsulas, evidenciando intensa relação da entomofauna local com as espécies de orquídeas observadas, no processo de polinização. Com o avanço das observações, à

medida que a vegetação sofria mudanças, esse fenômeno tornou-se muito raro, reflexo claro do impacto causado pelas alterações no ambiente.

Além disso, a temperatura sofreu uma grande variação com o desaparecimento da vegetação, não se percebendo mais a diferença em relação à temperatura no entorno da área de estudo.

Sendo a área de estudo menor que 100 hectares, esta fica desprotegida de quaisquer iniciativas para sua conservação, pois os critérios para seleção de áreas para conservação estabelecem, como uma das condições, que o fragmento florestal

inserido em área urbana seja maior que 100 ha (AZEVEDO, 1998). Nessa condição de abandono, a área recebe lixo doméstico despejado pelos vizinhos, esgoto que é despejado diretamente no córrego Traíras, canalizado dos bairros adjacentes, e tem sua vegetação queimada anualmente, na prática da “limpeza do mato”.

A autorização de implantação da ocupação humana deve fundamentar-se com um Estudo de Impactos Ambientais – Relatório de Impactos ao Meio Ambiente (EIA-RIMA), elaborado por equipes sérias e preocupadas em avaliar o real potencial ecológico e a valoração das espécies existentes nas áreas pretendidas. A ocupação de áreas próximas aos centros urbanos sem o EIA-RIMA é prática comum e não há registros do patrimônio da biodiversidade que se perde irremediavelmente com este ato criminoso.



Fig. 6 - *Ornithocephallus gladius* Hooker, close da flor. (Foto: A. Petini-Benelli.)



Fig. 7 - *Rodriguezia lanceolata* Ruiz & Pavón, no habitat. (Foto: A. Petini-Benelli.)

Conclusão:

Comparando o presente trabalho com estudos realizados em áreas de maior extensão (Macedo *et al.*, 2002, Petini-Benelli, 2006), a riqueza de espécies de orquídeas amostradas no fragmento de cerrado do Loteamento Santa Cecília é altamente significativa, pois enquanto os autores citados determinaram 30 espécies de orquídeas para a APM-Manso (500 ha.) e 79 espécies e três variedades de orquídeas para as áreas protegidas de Chapada dos Guimarães (Área de Proteção Ambiental Estadual da Chapada dos Guimarães (251,8 mil hectares) e Parque Nacional da Chapada dos Guimarães (32,6 mil hectares)), foi determinado um total de 27 espécies e uma variedade de orquídeas



Fig. 8 - *Vanilla pompona* Schiede. (Foto: A. Petini-Benelli)

para o Loteamento Santa Cecília, fragmento de 64 hectares com grande influência antrópica.

Registra-se com este trabalho a efetivação do desaparecimento de espécimes valiosos e de fundamental importância para a compreensão do meio em que vivemos e das relações entre os seres. As alterações no ambiente, causando o desaparecimento de espécies, afetam drasticamente a rede de interações que existe em qualquer meio.

Concluimos que as alterações provocadas pelo homem com a ocupação da área, causaram grande perturbação não só na população de orquídeas nativas, mas também na entomofauna associada, de tal forma capaz de interromper ou alterar de forma preocupante a produção de cápsulas através da polinização, prejudicando seriamente a capacidade das espécies se restabelecerem no espaço.

Deve-se insistir no fato de que proteger a biodiversidade não é só uma questão de manter amostras de espécies carismáticas ou de valor econômico. Entendemos que prioridade máxima deve ser dada à conservação de ecossistemas naturais como um todo, no sentido de manejar e recuperar esta biodiversidade, protegendo-a.

Referências Bibliográficas:

- Almeida, D.S. 1998. Recuperação ecológica de paisagens fragmentadas. Série Técnica IPEF 12(32): 99-104.
- Amaral, A.M. 1998. Orquídeas epífitas e forófitos: estudo ecológico na Gleba Facão, Cáceres, Mato Grosso. Cuiabá, IB/UFMT (Dissertação). 108pp.
- Araújo, D. 2005. Ocorrência das espécies de Orchidaceae nos atuais Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Brazil Orchids. Disponível em <http://www.delfinadearaujo.com/estados/matogros.htm>. Acesso em 04/11/2005.
- Azevedo, C.M.A. 1998. A fragmentação e as ações governamentais para a conservação da biodiversidade. Série Técnica IPEF 12(32): 117-120.
- Batista, J.A.N. & Bianchetti, L.B. 2003. Lista atualizada das Orchidaceae do Distrito Federal. Acta Botânica Brasílica, jun-2003, 17(2): 183-201.
- Edwards, P.J. & Wratten, S.D. 1981. Ecologia das interações entre insetos e plantas. São Paulo, EPU-EDUSP. 71pp.
- Hoehne, F.C. & Kulmann, J.G. 1951. Índice Bibliográfico e Numérico das Plantas Colhidas pela Comissão Rondon. São Paulo, Instituto de Botânica de São Paulo. 400pp.
- Lima, J.G.A. 1989. Orquídeas do Estado de Mato Grosso. Anais do II Encontro Nacional de Orquidófilos e Orquidólogos (1985). Rio de Janeiro, EXPED. :81-99.
- Macedo, M.; Carvalho, J.M.K. & Nogueira, F.L. 2002. Plantas medicinais e ornamentais da área do aproveitamento múltiplo de Manso, Chapada dos Guimarães, Mato Grosso. Cuiabá: Ed. Miramy Macedo. 305pp.
- Mendonça, R.C.; Féfili, J.M.; Walter, B.M.T.; Silva Jr, M.C.; Rezende, A.V.; Filgueiras, T.S. & Nogueira, P.E. 1998. Flora vascular do cerrado. :289-556. In: Sano, S.M & Almeida, S.P. (eds.) Cerrado: ambiente e flora. Planaltina. EMBRAPA-CPAC.: 289-557.
- Menezes, L.C. 2000. Orquídeas *genus Cyrtopodium*: espécies brasileiras. Brasília, IBAMA. 208pp.
- Menezes, L.C. 2004. Orquídeas do Planalto Central Brasileiro. Brasília, IBAMA. 67pp.
- Murren, C.J. 2002. Effects of habitat fragmentation on pollination: pollinators, pollinia viability and reproductive success. Journal of Ecology, 90: 100-107.
- Oliveira, R.S.; Batista, J.A.N.; Bianchetti, L.B. & Proença, C.E.B. 1996. Influência do fogo na floração de espécies de Orchidaceae em cerrado. Anais do Simpósio Impacto das Queimadas sobre os Ecossistemas e Mudanças Globais – 3º Congresso de Ecologia do Brasil. Brasília, UnB. : 61-66.
- Pabst, G.F.J. 1973. Orquídeas do Parque Nacional do Tocantins. Revista Orquídea, 30(3): 112-116.
- Pallazzo Jr, J.T. & Both, M.C. 1993. Flora Ornamental Brasileira. Porto Alegre, Sagra-DC Luzzatto. 184pp.
- Petini-Benelli, A. 2006. Ocorrência de Espécies da Família Orchidaceae em Áreas Protegidas de Chapada dos Guimarães, MT. Cuiabá: IB/UFMT. 70pp.
- Primack, R.B. & Rodrigues, E. 2001. Biologia da Conservação. Londrina, Ed. E.Rodrigues. 328pp.
- Ribeiro, J.F. & Walter, B.M.T. 1998. Fitofisionomias do bioma cerrado. In: Sano, S.M. & Almeida, S.P. (Eds.) Cerrado: ambiente e flora. :89-166. Planaltina, EMBRAPA-CPAC.

Tabela 1. Espécies de orquidáceas levantadas no Loteamento Santa Cecília, no município de Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil.

Espécie	Habitat	Hábito	Observadas em:
<i>Bletia catenulata</i> Ruiz & Pavón	Campo sujo	te	1998 a 2003
<i>Campylocentrum robustum</i> Cogn.	Mata galeria	ep	2003
<i>Campylocentrum tenue</i> (Lindl.) Rolfe	Mata galeria	ae	1996 a 2004
<i>Cohniella cebolleta</i> (Sw.) E.A.Christenson	Mata ciliar	ep	1996 a 2004
<i>Cyrtopodium blanchetii</i> Rchb.f.	Campo limpo	te	1996, 1998
<i>Cyrtopodium brandonianum</i> Barb. Rodr.	Campo limpo	te	1996, 1997
<i>Cyrtopodium fowliei</i> L.C. Menezes	Campo limpo	te	2000, 2004
<i>Cyrtopodium poecilum</i> Rchb.f. & Warm.	Campo limpo	te	2000
<i>Cyrtopodium saintlegerianum</i> Rchb.f.	Mata ciliar	ep	1996 a 2003
<i>Cyrtopodium vernum</i> var. <i>fulvum</i> (Rchb.f. & Warm) L.C. Menezes	Campo limpo	te	1996, 1999
<i>Encyclia flava</i> (Lindl.) Porto & Brade	Mata ciliar	ep	1996 a 2004
<i>Epistephium schlerophyllum</i> Lindl.	Campo sujo	te	1998, 2002
<i>Eulophia alta</i> (L.) Fawcett & Rendle	Campo sujo	hu	1998, 1999, 2002
<i>Galeandra styllomisantha</i> (Vell.) Hoehne	Várzea (brejo)	te	1997 a 2004
<i>Habenaria aricaensis</i> Hoehne	Várzea (brejo)	te	2000, 2002, 2004
<i>Habenaria glazioviana</i> (Cogn.) Kraenzl.	Campo limpo	te	2000
<i>Habenaria</i> sp.	Várzea (brejo)	te	2004
<i>Ionopsis utricularioides</i> (Sw.) Lindley	Mata ciliar	ep	1999, 2002
<i>Macradenia multiflora</i> (Kraenzl.) Cogn.	Mata ciliar	ep	1996 a 2001
<i>Macradenia multiflora</i> (Kraenzl.) Cogn. var. <i>alba</i>	Mata ciliar	ep	1999
<i>Notylia lyrata</i> S. Moore	Mata ciliar	ep	1997, 1998, 2000, 2003
<i>Oeceoclades maculata</i> (Lindl.) Lindl.	Campo sujo	hu	1996 a 2004
<i>Oncidium nanum</i> Lindl.	Mata ciliar	ep	1998, 2001
<i>Ornithocephallus gladius</i> Hooker	Mata ciliar	ep	1996
<i>Rodriguezia lanceolata</i> Ruiz & Pavón	Mata ciliar	ep	1999, 2003
<i>Sacoila lanceolata</i> (Aubl.) Garay	Campo limpo	te	1996, 1997, 1999, 2000
<i>Sarcoglottis</i> sp.	Campo limpo	te	1998, 2001
<i>Trigonidium tenue</i> (Lindl.) Lodd.	Mata ciliar	ep	1997, 1998, 1999
<i>Vanilla pompona</i> Schiede	Mata ciliar/ Mata galeria	es	1996 a 2004

Cattleya schroderae Sander

Carlos Keller
carlosgkeller@terra.com.br

Resumo: A *Cattleya* unifoliada colombiana *Cattleya schroderae* floriu pela primeira vez nas estufas de Frederick Sander, na Inglaterra, em 1886 e demorou para ser descrita como uma espécie distinta de *Cattleya trianaei*. Algumas poucas variedades albas e outras escuras foram descobertas e algumas premiadas, mas esta é uma *Cattleya* com poucas variedades conhecidas. O tamanho das flores e número de flores por haste são características para serem usadas em hibridação. As condições essenciais para um bom cultivo são relacionadas.

Palavras-chave: *Cattleya schroderae*, *Cattleya trianaei*, variedades, cultivo.

Abstract: “*Cattleya schroderae* Sander.” The unifoliate Colombian *Cattleya*, *Cattleya schroderae* flowered in England for the first time in the orchid nursery of Frederick Sander in 1886 and it took some time before it would be described as a different species from *Cattleya trianaei*. Some “alba” varieties and some dark ones were found and some received awards, but this is a *Cattleya* with few known varieties. The size of flowers and number of flowers per inflorescence are characteristics that have been used in hybridization. The fundamental conditions for a good cultivation are given.

Key words: *Cattleya schroderae*, *Cattleya trianaei*, varieties, cultivation.

Histórico:

Esta bela *Cattleya* apareceu pela primeira vez em 1886 na firma inglesa importadora de orquídeas, Sander's Ltd., tendo sido coletada na Colômbia por um coletor contratado por Frederick Sander de nome William Arnold. O astuto Sander logo percebeu que se tratava de uma espécie de *Cattleya* ainda não descrita e enviou plantas floridas ao naturalista Reichenbach, para que ele fizesse a descrição formal da espécie. Reichenbach sabendo que Sander gostava de aparecer com espécies tidas como “novas” para aumentar as suas vendas, não deu lá muita importância ao material e não fez a descrição. Incomodado com o fato, Sander convidou Reichenbach a visitar as suas estufas, para que ele pudesse ver e manusear pessoalmente uma maior quantidade de plantas floridas. Mesmo assim, Reichenbach, apesar de ter aceitado o convite, nada fez, acreditando talvez ser aquela orquídea uma mera variedade de outra e não uma espécie nova. Aquela era a época da descoberta das cattleyas monofoliadas de flor grande, as orquídeas do grupo “labiata” e havia por parte dos orquidófilos um grande furor na busca de novidades, o qual se refletia nas boas vendas dos leilões da empresa de Sander. Esse entusiasmo, no entanto, não era compartilhado pelos botânicos e naturalistas, como Lindley e Reichenbach, por exemplo, que possuíam uma postura bem mais conservadora com relação à chegada de material novo. Era preciso certa pressão por parte dos cultivadores para que uma espécie fosse descrita como nova e não como uma mera variedade de outra já conhecida. Os cultivadores tinham certa razão na sua insistência, pois eles manuseavam plantas vivas e não as lacônicas excicatas dos museus, que pouco diziam sobre o hábito das plantas.

A *Cattleya schroederae*, por exemplo, quando se trata de um clone com boa armação como este das fotos aqui mostradas, pode ser facilmente confundida com uma *Cattleya trianaei* concolor. Foi isso que levou muitos naturalistas ao erro. Muitas são as



Fig. 1 - *Cattleya schroederae*. 'Papayan' x 'CarlosArango'.
(Foto: C. Keller)

semelhanças que levam à essa confusão e as diferenças são geralmente horticulturais. A parte vegetativa da *Cattleya trianaei* é muito parecida com a da *Cattleya schroederae*, sendo esta segunda talvez um pouco menor no geral. A época de floração das duas espécies se interpõe, sendo o final da floração da *Cattleya trianaei* coincidente com o início da floração da *Cattleya schroederae* (inverno para a *C. trianaei* e final do inverno e primavera para a *C. schroederae*). Ambas possuem flores de longa duração, podendo permanecer até cerca de 5 semanas floridas. Ambas as espécies possuem clones conhecidos pela boa armação e forma, embora a *Cattleya schroederae* tenha a tendência à ter pétalas torcidas e reflexas (voltadas para trás) (fig. 1). Enfim, é fácil confundir-las e somente cultivando-as é que podemos aprender a notar as suas diferenças. A *Cattleya trianaei* costuma dar cerca de 2 a 3 flores por haste, enquanto que a *Cattleya schroederae* pode facilmente chegar a 5, excepcionalmente 7 se muito bem cultivada. O crescimento da *Cattleya schroederae* é mais vigoroso e comportado do que o da *Cattleya trianaei* Linden & Rchb. f.. As pétalas e o labelo da *Cattleya schroederae* possuem as bordas mais crespas do que as da *Cattleya trianaei*. O amarelo alaranjado do interior do labelo da *Cattleya schroederae* é cor de manga e parece ter sido pintado a pincel por cima da superfície da flor (fig. 2), enquanto que na *Cattleya trianaei* esse amarelo é menos intenso e parece fazer parte da textura da flor. A característica realmente diferenciadora, no entanto, é o perfume. A *Cattleya trianaei* tem um perfume suave de lavanda, enquanto que a *Cattleya schroederae* possui um perfume forte e doce, quase enjoativo, que lembra vagamente a baunilha e pode ser sentido principalmente nas horas quentes do dia.



Fig. 2 - *Cattleya schroederae*. (Foto: C. Keller)

Estas diferenças motivaram Sander a insistir na classificação da recém descoberta *Cattleya* como sendo uma nova espécie, coisa que Reichenbach ainda não vislumbrara.

Um ano após a chegada desta *Cattleya* à Europa, o Barão J. Henry Von Schröder que era um entusiasta em orquídeas, principalmente cattleyas, comprou do Sr. Sander um grande carregamento dessa espécie, praticamente todas as que estavam à venda e as acomodou nas imensas estufas do seu palácio, The Dell, que ficava próximo a Windsor, o palácio da rainha Vitória. O próprio barão estava confiante de que realmente se estava tratando de uma nova espécie e em 1887 escolheu uma planta bem florida e bem representativa da espécie e a enviou pessoalmente a Reichenbach. Dessa vez, talvez por ser a pedido do barão, o naturalista fez a descrição da planta e nomeou a nova "fantástica orquídea" em



Fig. 3 - *Cattleya trianaei* concolor 'Suamena'. (Foto: C. Keller)

homenagem à Baronesa Von Schröder, que segundo ele, era uma "reconhecida amante das orquídeas" (The Gardeners' Chronicle, 16 de abril de 1887, volume 1, página 512). Nada como ser um barão... O problema continuou, no entanto, pois para Reichenbach, essa orquídea era apenas uma variedade rosada da *Cattleya trianaei* e não uma espécie à parte. O nome ficou sendo, portanto, *Cattleya trianaei* var. *schroederiae* (as letras oe no lugar do ö com trema), coisa com que Sander nunca concordou⁽¹⁾. Havia na década de



Fig. 4 - *Cattleya trianaei* concolor 'Schroderae'. (Foto: C. Keller)

1880, como eu já disse, um grande descontentamento dos cultivadores com a lentidão dos botânicos em fazer a descrição das novas espécies, as quais chegavam à toda hora. Isso fez com que eles resolvessem tomar as rédeas do assunto, passando a descrever eles próprios as orquídeas que acreditavam ser novas para a ciência. O primeiro a fazer isso foi James O'Brien, um renomado e muito habilidoso cultivador de orquídeas, o qual descreveu ele próprio a *Cattleya percivaliana* em 1883. Baseado nessa atitude, Sander publicou em 1888 a sua própria versão do assunto, descrevendo a *Cattleya schroederiae* como uma espécie nova, separada da *Cattleya trianaei* (Reichenbachia 1, (02): 37 – *Cattleya schroederiae*, Sander 1888). De lá para cá, o nome "*schroederiae*" foi simplificado e hoje se usa a versão que está no RHS (Royal Horticultural Society), "*schroderae*", grafia essa que passarei a usar no restante deste texto.

1880, como eu já disse, um grande descontentamento dos cultivadores com a lentidão dos botânicos em fazer a descrição das novas espécies, as quais chegavam à toda hora. Isso fez com que eles resolvessem tomar as rédeas do assunto, passando a descrever eles próprios as orquídeas que acreditavam ser novas para a ciência. O primeiro a fazer isso foi James O'Brien, um renomado e muito habilidoso cultivador de orquídeas, o qual descreveu ele próprio a

Distribuição e Variedades:

Na natureza, o coletor e cultivador norte-americano John Lager no início do século XX declarou que a *Cattleya schroderae* era a *Cattleya* mais abundante da Colômbia, onde é conhecida como a “flor da páscoa”, época da sua floração no hemisfério norte.



Fig. 5 - Detalhe do labelo de *Cattleya schroderae* ‘Papayan’ x ‘Carlos Arango’.
(Foto: C. Keller)

Essa é uma *Cattleya* endêmica da Colômbia, onde habita as montanhas do nordeste do país. O próprio Lager, nas vertentes montanhosas do Rio Casanare, encontrou dois fantásticos clones dessa *cattleya* que ficaram muito famosos. Um deles, uma alba espetacular com o interior do labelo todo cor de laranja, foi chamado de ‘Hercules’ e posteriormente recebeu um AM/AOS em junho de 1932. A flor teve a sua

foto estampada na edição de setembro do primeiro volume do AOS Bulletin (1932). Essa flor branca era tão bela, que Lager a reproduziu no logotipo da sua empresa de venda de orquídeas, Lager & Hurrell, da cidade de Summit, New Jersey, USA. Fora dos USA, apenas o orquidário inglês Stuart Low recebeu uma divisão da ‘Hercules’, vendida à eles logo após a sua descoberta, a qual foi exposta em uma exposição de Londres em 1925 e ali foi premiada com um AM/RHS. Atualmente existe circulando pelos USA uma “versão pirata” da ‘Hercules’, a qual não é a verdadeira. Nessa, as flores são bem menores do que na original e o amarelo do labelo é bem mais pálido. Antes de encontrar a alba ‘Hercules’, Lager já havia encontrado na Colômbia um outro clone de uma flor tipo de forma perfeita, grande tamanho e cor mais escura que o habitual, possuindo o interior do labelo de um laranja quase vermelho. A esta ele deu o nome de ‘Summitensis’ em homenagem à cidade onde se localizava o seu orquidário. Posteriormente ele a vendeu a um nobre inglês, Sir George Holford of Westonbirt. Sir George mudou o nome do clone de ‘Summitensis’ para ‘The Baron’, nome pelo qual ele é conhecido até hoje. Em 1908 esse clone recebeu um FCC/RHS. É importante não confundir o clone ‘The Baron’ da *Cattleya schroderae* com o de mesmo nome da *Cattleya trianaei*. Este segundo possui flores muito claras e recebeu um First Class Certificate da American Orchid Society (FCC/AOS). Daí para frente, alguns poucos clones albos e outros raríssimos escuros foram descobertos, mas essa é uma *Cattleya* com menos variedades conhecidas do que as demais do grupo. Existe uma variedade chamada “xanthina” que é muito procurada como matriz, cujo forte amarelo



Fig. 6 - Detalhe do labelo de *Cattleya trianaei* concolor 'Suamena'.
(Foto: C. Keller)

entre *Laelia cinnabarina* Bateman ex Lindl. e *Laelia harpophylla* Rchb. f., ambas com flores pequenas de forte coloração alaranjada. Outra característica que a *Cattleya schroderae* transmite aos seus filhos é o grande número de flores por haste. Existe a crença de que a maioria dos híbridos lilás de flor grande e redonda são descendentes principalmente da *Cattleya trianaei*, via *Cattleya* Horace, mas na verdade existem muitos que devem essas características à *Cattleya schroderae*.

Cultivo:

Em cultivo, ela é uma *Cattleya* que gosta de muita umidade no ar, mas não no substrato, o que implica em um substrato aberto e de rápida drenagem. Só deve ser regada novamente quando o substrato estiver quase completamente seco. Sempre que possível, molhe bem o chão do orquidário. A temperatura ideal para o seu bom desenvolvimento é por volta dos 27° a 29°C durante o dia, com a diminuição de cerca de 10 graus à noite. Muita luz é necessária, chegando-se quase ao ponto de clarear as folhas, mas para isso é imprescindível que se tenha uma ótima

manga cobre quase todo o disco do labelo. A cor rosada é recessiva, mas a tendência em transmitir tons pastéis não. O mesmo se dá com o forte amarelo do labelo, que é dominante. O grande tamanho da flor é uma característica que faz com que essa espécie venha sendo utilizada em hibridações até hoje. O objetivo é aumentar o tamanho das flores, mas sem que elas ao aumentarem de tamanho, venham a perder a coloração, podendo no máximo, ter a cor um pouco suavizada. Um híbrido antigo e clássico que posso citar como exemplo é a *Lc. Elinor* (*Cattleya schroderae* x *Laelia Coronet*), criada por Charlesworth em 1908.

A *Laelia Coronet* é um cruzamento

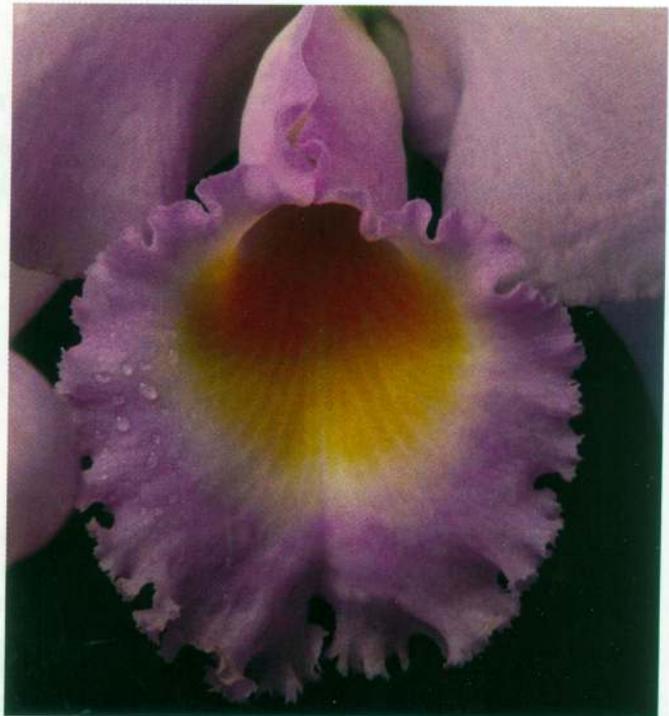


Fig. 7 - Detalhe do labelo de *Cattleya trianaei* concolor 'Schroderae'. (Foto: C. Keller)

circulação de ar, senão poderá haver queimaduras. Uma boa maneira de se medir a luz ideal para a *Cattleya schroderae* e as demais cattleyas unifoliadas, é em um dia de sol, você estender a mão aberta horizontalmente na altura do peito e olhar no chão a sombra dela. Se você conseguir contar os dedos com clareza, a luz está boa. Se a sombra for difusa, então a luz está fraca. O mais importante a se seguir com essa *Cattleya* em relação ao manejo, é respeitar a sua época de dormência ou descanso após a floração, quando ela fica inativa por um a dois meses. Nesse período deve-se regar pouco e a adubação deve ser suspensa. Como nessa época ela não absorve os nutrientes do adubo, pode haver uma perigosa e tóxica concentração de sais nas raízes, apresentando sintomas parecidos com uma infecção por fungos, o que pode levar à confusão de diagnóstico. Fora isso, quando ela estiver com flor, procure caso possível mantê-la em um local bem fresco (18° a 20°C) e relativamente seco. Com isso a floração pode chegar a durar até 5 semanas.

Esta é uma *Cattleya* pouco difundida em cultivo no mundo, pois poucas são as suas variedades de cor. Alguns clones tidos como albos, são na verdade flores de um rosa tão claro que não se vê a cor. Esses exemplares não transmitem a variedade alba para os seus descendentes. Até o ano 2000, apenas dois prêmios de qualidade foram conferidos a essa espécie, o que atesta a raridade dela em cultivo e a fraca substância das suas flores, fraca substância essa que afortunadamente não é transmitida aos seus filhos. Apesar do grande tamanho das flores, raros são os clones que possuem boa forma, mas esses poucos são espetaculares. No passado, na época das “corbeilles” de flores cortadas, a *Cattleya schroderae* era quase ignorada nos Estados Unidos e Inglaterra, países esses que sempre preferiram flores de cor forte, mas era muito apreciada na Alemanha, por exemplo, país que cultivava uma estética mais discreta e delicada. No Brasil ela está ausente na maioria dos orquidários, mas espero que essa tendência possa se reverter no futuro.

- (1) – Nota da editora: com o tempo, a comunidade orquidófila internacional passou a dar a Reichenbach a autoria de *Cattleya schroderae* e, por exemplo no site “Tropico” do Missouri Botanical Gardens a espécie aparece como *C. schroderae* Reich. f.



Fertilizante multinutrientes para o cultivo de Orquídeas com macro e micronutrientes em concentrações equilibradas para o desenvolvimento e crescimento de plantas de orquídeas, desde a produção de mudas, durante seu cultivo e até a produção de Belas e Grandes Flores dos principais gêneros de orquídeas, bem como de seus híbridos comerciais cultivados no Brasil.



B&G Flores - Fertilizantes e Nutrição Vegetal

**Endereço: Incubadora de Empresas - CENTEV/UFV
Sala 102 - Campus UFV - Viçosa - MG - CEP: 36570-000
www.begflores.com.br TEL: (31) 3892-4967**



Quando Setembro chegou.

Carlos A. A. de Gouveia
caagouveia@globo.com

Resumo: A chegada da Primavera nos presenteou com várias exposições e uma profusão de flores. Nesse mês de setembro a OrquidaRio participou da exposição da ASSON, em Niterói e da AOSP, em São Paulo. Além disto, organizamos a nossa já tradicional “Orquídeas na Primavera”, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Em todas elas foram expostas plantas de muito boa qualidade. Os juízes da OrquidaRio, pela primeira vez, começaram a fazer o julgamento de qualidade, além do julgamento de fitas. Na exposição “Orquídeas na Primavera”, sete plantas foram premiadas pela AOS.

Palavras-chave: primavera, exposições, ASSON, AOSP, OrquidaRio, AOS.

Abstract: “*When September arrived.*” The arrival of Spring came with many orchid shows and a great display of flowers. This last September, OrquidaRio participated in the orchid show organized by ASSON, in Niteroi and in the AOSP show, in São Paulo. Apart from this, we organized our traditional Spring Show, at the Rio de Janeiro Botanical Gardens. In all these shows very good quality plants were displayed. For the first time, judges from OrquidaRio judged the quality of plants, besides the ribbon judging. Seven plants received prizes from the AOS in our Spring Show.

Key words: Spring, orchid shows, ASSON, AOSP, OrquidaRio, AOS.

Lembro de um filme, sucesso nos anos 60 – “Quando Setembro Vier” (é de 1961, jurássico para a maioria) – cujo nome ficava ecoando em minha cabeça. Por que setembro? Fui descobrir que o mês marca a mudança na natureza. No hemisfério norte é tempo de começar a esfriar, as árvores perdem suas folhas, o chão fica revestido de folhas e a cor das ruas muda de verde para marrom. É hora de se preparar as plantas para o inverno, no caso das orquídeas, lá elas vão para a proteção das estufas, onde serão aquecidas e iluminadas pela mão do colecionador.

Aqui o movimento é o inverso. Na maior parte do Brasil, não temos um inverno de verdade, nossas plantas não costumam conhecer aquecimento e não visitei um colecionador sequer que tivesse iluminação artificial. No Rio de Janeiro, é tempo de cuidados sim, mas pensando em evitar que o calor inclemente do verão possa danificar as nossas queridas orquídeas. Mas é primavera e logo vem a associação com a chegada das flores e, por via de consequência, é época de exposições. Para os cariocas e fluminenses, duas em particular mobilizam o universo orquidófilo.

No começo do mês, de 10 a 12 de setembro, a Associação Orquidófila de Niterói (ASSON) promoveu sua exposição setembrina. Desta vez em novo lar, o agradável Centro Cultural La Salle. Toda mudança de local de exposição acarreta um certo desgaste, os niteroienses já estavam acostumados ao antigo local, e alguns reportaram que foram para lá “no automático”. Mas a ASSON certamente vai superar o inconveniente e transformar a nova sede no sucesso que conseguiu no passado. O local é bem situado, mais próximo ao Centro e ao Rio de Janeiro, as instalações são muito confortáveis e

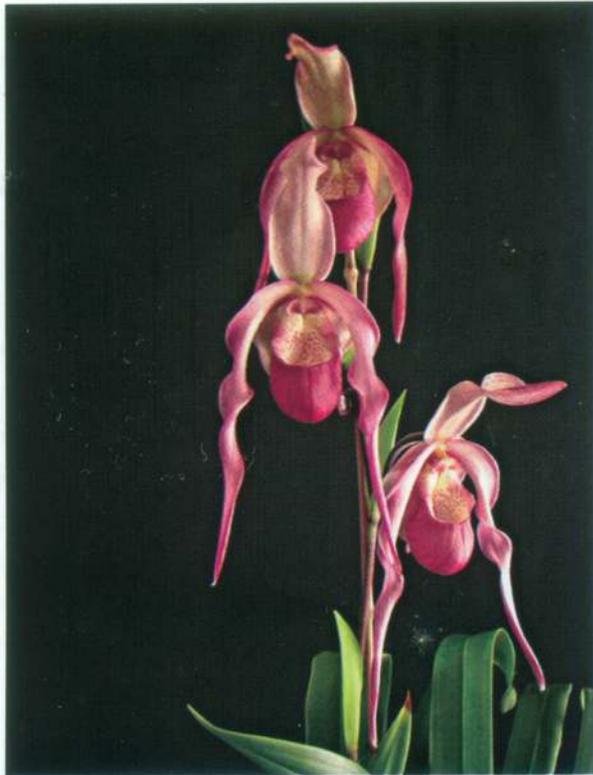


Fig. 1 - *Phragmipedium schrodeade* 'Barbie'.
(Foto: J.C. Chaves)

fomos todos muito bem recebidos pela administração.

A exposição foi, mais uma vez, um sucesso em termos de plantas para o público. Os sócios da ASSON sempre se destacam pela diversidade e qualidade de suas coleções. E, em contraposição a outras associações, costumam expor suas jóias.

A OrquidaRio participou com estande e julgamento das plantas. Em nosso estande encontramos a melhor planta da exposição, um belíssimo *Phragmipedium schrodeade* 'Barbie' (fig.1), do Fernando Setembrino.

No julgamento, começamos uma nova etapa para os juízes da OrquidaRio – o julgamento de qualidade. Ao lado do tradicional julgamento de fitas, já a tempo desejamos adicionar uma premiação de mérito, onde as plantas são avaliadas de acordo com sua qualidade intrínseca, sendo

cotejadas com um padrão de idealidade e com o estado da arte do seu tipo. Tal apreciação exige bons padrões de comparação e homogeneidade nos critérios, o que só se consegue com a prática. Resolvemos quebrar o círculo e iniciar, embora de forma experimental, tal atividade.

Foi analisada uma *Cattleya intermedia* 'Anaflora' (fig.2). Para facilitar decidimos adotar a nomenclatura da American Orchid Society, uma vez que são siglas já consagradas e usadas por outras entidades como a OSSEA e a JOGA. Em 100 pontos como ideal:

- HCC – 75 a 79 pontos
- AM – 80 a 89 pontos
- FCC – 90 pontos ou mais.

Às primeiras será concedido um Certificado Provisório. Após conseguirmos acumular massa crítica iremos reavaliá-los e emitiremos então um definitivo para os laureados que estejam em conformidade com o padrão a ser estabelecido. A *C. intermedia* 'Anaflora' alcançou um HCC/ORio de 77 pontos.



Fig. 2 - *Cattleya intermedia* 'Anaflora' HCC/ORio.
(Foto: J.C. Chaves)



Fig. 3 - *Arpophyllum giganteum*. (Foto: M. Morimoto)



Fig. 4 - *Ansellia africana* 'Aranda' AM/AOS. (Foto: K. Jacobsen)



Fig. 5 - A enorme planta campeã, *Ansellia africana* 'Aranda' AM/AOS. (Foto: M.A. Loures)

Na semana seguinte, ainda arranjamos tempo para ir a São Paulo, participar da 83ª exposição da Associação Orquidófila de São Paulo (AOSP) e subir ao pódio com um bonito exemplar de *Arpophyllum giganteum*, enviada pelo sócio J.C.A. Braga e que recebeu o prêmio de Melhor Espécie Estrangeira das Américas (fig.3).

E uma semana depois, chegava a hora de nossa "Orquídeas na Primavera" no Orchideário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Os anos passam e o show se renova sempre. Apesar das muitas edições, sempre na mesma época, é sempre com ansiedade e surpresa que encaramos os estandes.

A Aranda foi a grande vencedora, com o melhor estande e a planta campeã, uma *Ansellia africana* 'Aranda' fantástica com mais de 500 flores abertas, mais de 100 botões em uma planta enorme com excepcional cultivo e flores grandes com colorido muito forte e definido (figs.4 e 5).

Como já há alguns anos, tivemos também julgamento da American Orchid Society, com os juízes Steve Champlin, Fred Shull, Ken Jacobsen e Amy Cheung. Foram concedidos 3 AM, 3 HCC e 1 CCM. Além da *Ansellia*, que conquistou um AM, destaque especial para uma *Cattleya schilleriana* 'Ana Maria', vice-campeã do show, de flores grandes e com um labelo absolutamente perfeito, com duas inflorescências com 4 flores cada. Alcançou 85 pontos na planilha da AOS, sendo que com pétalas um pouco mais largas e pelo menos uma flor a mais nas hastes teria chegado a um padrão para FCC. Esta planta foi exposta pelo Orquidário Paulista (figs.6 a 11).



Fig. 6 - *Cattleya schilleriana* 'Ana Maria' AM/AOS.
(Foto: K. Jacobsen)



Fig. 7 - *Phalaenopsis mannii* 'Zartbitter' AM/AOS.
(Foto: K. Jacobsen)



Fig. 8 - *Maxillaria ferdinandiana* 'Colibri' CCM/AOS.
(Foto S. Pereira)



Fig. 9 - *Laelia jongheana* 'Colibri' HCC/AOS.
(Foto: K. Jacobsen)



Fig. 10 - *Paphiopedilum Samba Deception*
'Aranda' HCC/AOS.
(Foto: K. Jacobsen)



Fig. 11 - *Cattleya lueddmanniana*
'Pedras Negras' HCC/AOS.
(Foto: K. Jacobsen)

Planta Premiada pela AOS	Expositor	Premiação	Pontos Obtidos
<i>Ansellia africana</i> 'Aranda'	Aranda Orquídeas	AM	80
<i>Cattleya schilleriana</i> 'Ana Maria'	Orquidário Paulista	AM	85
<i>Phalaenopsis manni</i> 'Zartbitter'	Florária	AM	82
<i>Maxillaria ferdinandiana</i> 'Colibri'	Colibri Orquídeas	CCM	84
<i>Laelia jongheana</i> 'Colibri'	Colibri Orquídeas	HCC	77
<i>Paphiopedilum</i> Samba Deception 'Aranda'	Aranda Orquídeas	HCC	75
<i>Cattleya lueddemanniana</i> 'Pedras Negras'	OrquidaRio	HCC	75

Tab. I. Premiação da American Orchid Society durante a "Orquídeas na Primavera – 2010".



Fig. 12 - Detalhe do Estande Campeão, da Aranda Orquídeas. (Foto: M.A. Loures)

A Aranda, mais uma vez, ganhou o troféu de "Melhor Estande" dado pela AOS, assim como foi o estande mais votado pelo público (fig.12 e 13). Na votação do público o Itaipava Garden ficou em segundo e a Florária em terceiro.

O estande da OrquidaRio, apesar da dificuldade de montá-lo com plantas de sócios – é impossível prever o que estará disponível – mais uma vez causou ótima impressão (fig.14). AASSON também manteve o hábito de levar bastante plantas, muito diversificada e com uma qualidade admirável.



Fig. 13 - A Aranda tem obtidos ótimos resultados em novos cruzamentos de *Paphiopedilum*. (Foto: M.A.Loures)



Fig. 14 - A montagem do estande da OrquidaRio contou com a ajuda extra de João Oren. (Foto: L.Reis)



Fig. 15 - *Dendrobium pierardii*. (Foto: S.Pereira)



Fig. 16 - *Capanemia superflua*. (Foto: S.Pereira)



Fig. 17 - *Epidendrum stanfordianum* var. *alba*. (Foto: S. Pereira)

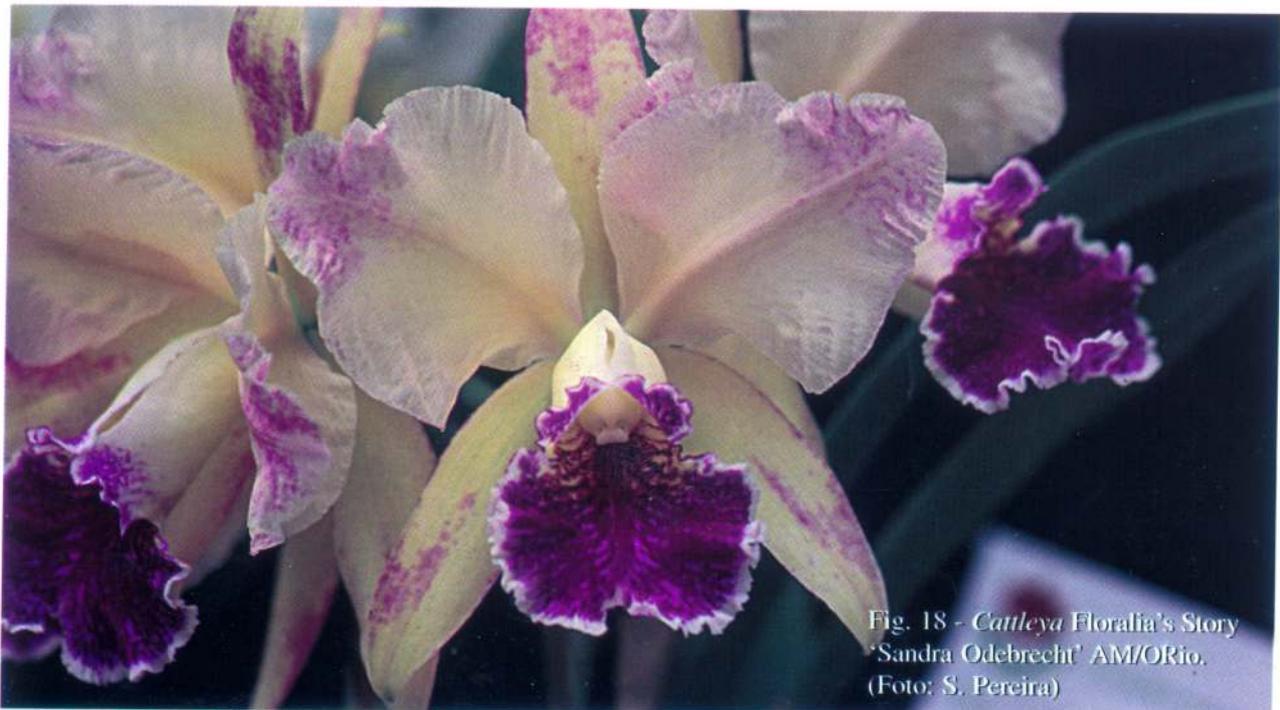


Fig. 18 - *Cattleya Floralia's Story*
'Sandra Odebrecht' AM/ORio.
(Foto: S. Pereira)



Fig. 19 - *Gratrixara* Fernanda Haje JC/ORio. (Foto: M.A. Loures)

Foi observado o esforço de todos os expositores comerciais em elevar o nível das plantas expostas. Parabéns a todos, fizeram um espetáculo de alto padrão (figs.15 a 17). Além disto, tivemos uma programação intensa, com palestrantes vindos de diferentes estados (fig.20), curso de Orquidofilia e exposição de fotografia. O homenageado nessa exposição foi o grande estudioso de orquídeas e um dos primeiros conservacionistas brasileiros, Frederico Hoehne.



Fig. 20 - Ricardo Figueiredo, presidente da OrquidaRio, recebendo Jane Faccini, de Macaé e Ítalo Gurgel, presidente da Ass.Cearense de Orquidófilos, que apresentou a palestra: "A *Cattleya labiata*". (Foto: M.A. Loures)

No JBRJ também arriscamos um julgamento OrquidaRio de qualidade, com uma *Cattleya* *Floralia's Story* 'Sandra Odebrecht' (fig.18), exposta pelo sócio da OrquidaRio, José Francisco Vieira, sendo premiada com um AM/ORio (82 pontos) e uma *Gratrixara* (nova nomenclatura para híbridos entre *Sophrolaeliocattleya* x *Cattleytonia*) Fernanda Haje (fig.19), da Itaorchids, sendo aquinhoadada com um JC/ORio.

Ao se encerrar o mês, só nos resta esperar, em 2011, "Quando Setembro Vier".



AC Lab

Reprodução de
orquídeas através
de sementes

aclarindo@oi.com.br

Antonio Clarindo:
9909-0971



BV ORCHIDS *Bela Vista*

*Especializado em espécies naturais reproduzidos em
laboratório buscando o melhoramento da qualidade.
Visite nosso catálogo virtual*

Mais de trezentos espécies disponíveis
Solicite um orçamento sem compromisso

Enviamos lista de preço
mediante solicitação

Rua Sebastião Leite do Canto - S/Nº (final da rua) - Assis - SP - Brasil
CEP: 19.800-121 - CX. Postal 203

Fone: 18-3324 8361 - Fax: 18-3325-1635

e-mail: belavista@bvorchids.com.br



Florália

Tradição com qualidade

Estrada da Florália, 592
24.140-216 - Niterói - RJ
Tel.: (21) 2627-7733
Fax: (21) 2627-7802
florbra@attglobal.net
www.floralia.com.br

Ele. *Goldenzelle* 'Saddle Peak'



CATTLEYAS e VANDAS

**Estrada Sítio do Catobira, 147
Itaipava - Petrópolis**

Tel.: (24)2222-4910 (24)9964-1987

n-arraes@compuland.com.br

Fazemos exposições em todo Brasil



Muita gente não faz seguro porque acredita que nada vai acontecer. Ou se acontecer, vai acontecer com outro. Mas vai que... Por isso, a Bradesco Seguros pensa diferente. Imprevistos podem acontecer. E fazer um seguro é a melhor maneira de lidar com eles. Faça um seguro da Bradesco Seguros. Vai que... Fale hoje mesmo com seu Corretor ou vá até uma Agência Bradesco. bradescoseguros.com.br

VAI
QUE...

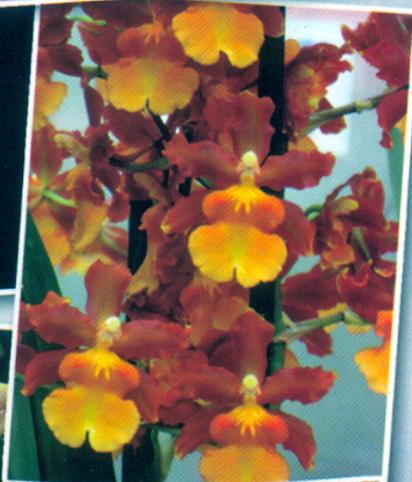


ARANDA
ORQUÍDEAS

25
Anos

CRATIV3.com

Grande
variedade de
Espécies e
Híbridos
selecionados
à venda
para todo
o Brasil.



www.aranda.com.br | 21 2742.0628 / 3641.3015